

[SAINTE-BEUVE E BALZAC]

Um²⁵¹ dos contemporâneos que ele menosprezou foi Balzac. Tu franzes o cenho. Sei que não o admiras. E quanto a isto não estás totalmente sem razão. A vulgaridade dos sentimentos dele é tão grande que a vida não pode elevá-lo. Não é nem sequer na idade em que começa Rastignac que ele tinha como finalidade na vida a satisfação das mais baixas ambições, ou, pelo menos, dos mais nobres objetivos; estes tão bem entrelaçados com aquelas que se torna quase impossível separá-los. Um ano antes de sua morte, a ponto de atingir a realização do grande amor de toda a sua vida — o casamento com Mme. Hanska, a quem ama há dezesseis anos —, comenta o assunto com sua irmã, nos seguintes termos: “Laure,²⁵² é mesmo maravilhoso em Paris poder, quando se quer, abrir o salão e receber a elite da sociedade, e ali encontrar uma mulher educada, imponente como uma rainha, de nascimento ilustre, relacionada com as melhores famílias, espirituosa, instruída e bela. Há ali um grande meio de dominação... Entende que para mim, este assunto, sentimento à parte (o insucesso matar-me-ia moralmente), é tudo ou nada, é dobrar ou perder... O coração, o espírito, a ambição não valem mais para mim do que aquilo que persigo há dezesseis anos; se essa felicidade imensa escapar-me não terei mais necessidade de nada. Não é preciso acreditar que amo o luxo. Amo o luxo da rua Fortunée com todos os seus cortejos:

uma bela mulher, bem nascida, de vida cômoda, e com as mais belas relações". Além disto²⁵³, ele ainda fala dela nos seguintes termos: "Esta pessoa que traz consigo (fortuna à parte) as mais preciosas vantagens sociais". Não é de se admirar, depois disto, que no *Le Lys dans la vallée*, sua mulher *ideal* por excelência, o "anjo", Mme. de Mortsauf, escreva na hora da morte ao homem, à criança que ama, Félix de Vandenesse, uma carta cuja lembrança lhe permanecerá tão sagrada que muitos anos depois ele dirá sobre ela²⁵⁴: "Eis a adorável voz que de repente retine no silêncio da noite, eis a sublime figura que se levanta para me mostrar o verdadeiro caminho", e que lhe dará os preceitos da arte de fazer fortuna. De enriquecer de forma honesta, cristã. Pois Balzac sabe que nos deve pintar uma figura de santa. Mas não pode imaginar que, mesmo aos olhos de uma santa, o êxito social não seja o fim supremo. E quando celebra, com sua irmã e suas sobrinhas, os benefícios que se usufrui da intimidade com uma criatura admirável como a mulher que ele ama, esta perfeição que a amada poderá comunicar a todos eles consiste em uma certa nobreza de modos, que sabe assinalar e guardar as distâncias da idade, da situação etc., sem contar alguns ingressos de teatro, "lugares no Italiens, na Ópera e na Ópera-Cômica". E Rastignac, quando se apaixona por sua tia, Mme. de Bauséant, confessa-lhe suas malícias: "Podes fazer muitas coisas por mim"²⁵⁵. Mme. de Bauséant* não se espanta e sorri.

Não falo da vulgaridade de sua linguagem. Ela era tão profunda que chegava até a corromper seu vocabulário, a fazer com que empregasse expressões que maculariam a mais negligente conversação. *Les Ressources de Quinola* deveriam antes chamar-se *Les Rubriques de Quinola*** . E cada vez que pre-

* Compare-se²⁵⁶ como delicadeza moral a estupefação da heroína de *La Nouvelle Espérance*, de Mme. de Noailles²⁵⁷, quando o homem que parecia fazer-lhe a corte, diz: "Levas-me a fazer um bom casamento." (N. do A.)

** A propósito das vulgaridades de Balzac²⁵⁸, para pintar a admiração de d'Arthez: "Sentia frio nas costas" (*Secrets*, p. 145)²⁵⁹. Algumas vezes elas parecem conter, para o leitor que é simples homem do mundo, uma verdade profunda sobre a sociedade: "As velhas amigas de Vandenesse, Mmes. d'Espard, de Manerville, lady Dudley, algumas outras menos conhecidas²⁶⁰, sentiam despertar serpentes do fundo de seus corações, demonstravam in-

tende dissimular esta vulgaridade, ele tem aquela distinção das pessoas vulgares, que é como as poses sentimentais, os dedos preciosamente apoiados na fronte como fazem os horríveis bolsinhos gordos, em seus carros no Bois. Então ele diz "*chère*", ou melhor "*cara*", "*addio*" por adeus etc.

Achaste Flaubert vulgar por certos aspectos das correspondências dele. Mas ele pelo menos nada tem daquela vulgaridade²⁶² lá, uma vez que compreendeu que a finalidade da vida do escritor está no interior de sua obra, e que o resto não existe "senão pelo emprego de uma ilusão por descrever"²⁶³. Balzac coloca inteiramente no mesmo plano os triunfos da vida e da literatura. "Se não sou grande para a *Comédie humaine*", escreve à sua irmã, "eu o serei para este êxito"²⁶⁴ (o êxito do casamento com Mme. Hanska)*.

No entanto, observa, essa própria vulgaridade é talvez a causa da força de algumas de suas descrições. No fundo, mesmo naqueles que entre nós cultuam a educação e não querem admitir as inconstâncias vulgares, condenando-as, depurando-as, elas podem existir, transfiguradas. Em todo caso, mesmo quando o ambicioso tem um amor ideal, mesmo que ele não transfigure os pensamentos de ambição, que pena! este amor não abrange toda a sua vida, restringe-se apenas ao melhor momento de sua juventude. É somente com esta parcela dele mesmo que o escritor faz um livro. Mas há toda uma outra parte que se acha excluída. Logo que ela force a verdade, encontramos um terno amor de Rastignac, um terno amor de Vandenesse, e vemos que este Rastignac [este Vandenesse], são ambiciosos frios, cuja vida foi inteira premeditação e ambição, e na

veja da felicidade de Félix; teriam dado com todo gosto *suas mais belas pantufas*, para que ele caísse na infelicidade"²⁶¹. (N. do A.)

* A verdade²⁶⁵ do ponto de vista de Flaubert, Mallarmé etc. pouco nos satisfaz, e começaríamos a ter fome da infinitamente pequena parte da verdade que possa haver no erro oposto (como quem, depois de um longo e útil regime sem sal, tivesse necessidade de sal, como aqueles selvagens que se sentem com a "boca má" e se lançam, segundo M. Paul Adam, sobre outros selvagens, a fim de comer o sal que estes trazem na pele)²⁶⁶ (N. do A.)

qual o romance da juventude (sim, quase mais um romance da juventude deles do que um romance de Balzac) está esquecido, dele não se²⁶⁷ lembram senão sorrindo, com o sorriso daqueles que verdadeiramente esqueceram; tanto que os outros e o próprio autor falam da aventura com Mme. de Mortsauf como de uma aventura qualquer, sem nem mesmo a tristeza por ela não ter preenchido com recordações toda a vida deles. Para atribuir a essa questão o sentimento da vida segundo o mundo e a experiência, ou seja, ali onde está convencionalizado que o amor não dura, que é um erro da juventude, que a ambição e a carne também têm nisto sua parte, que tudo isso não parecerá grande coisa um dia etc., para mostrar que o sentimento mais ideal não passa de um prisma pelo qual o ambicioso transfigura por si mesmo sua ambição, mostrando-[a]²⁶⁸ de uma forma talvez inconsciente, mas a mais intensa, isto é, mostrando objetivamente como o mais rude aventureiro o homem que para si mesmo, a seus próprios olhos, julga-se um amante ideal, talvez seja um privilégio, a condição essencial mesmo, que o autor precisamente tenha concebido com toda a naturalidade os sentimentos mais nobres de uma forma tão vulgar que, quando acreditava pintar-nos a realização do sonho de felicidade de uma vida, ele nos fala das vantagens sociais daquele casamento. Não há aqui como separar sua correspondência de seus romances. Se muito se falou que as personagens eram para ele seres reais e que ele discutia seriamente se tal partido era melhor para Mlle. de Grandlieu, para Eugénie Grandet, pode-se dizer que sua vida era um romance que ele construía absolutamente da mesma maneira. Não havia demarcação entre a vida real (aquela que não é da nossa conta) e a vida de seus romances (a única verdadeira para um escritor). Nas cartas para a irmã, em que fala das chances de casamento com Mme. Hanska, não somente tudo é construído como um romance, como também todos os caracteres são colocados, analisados, deduzidos, como em seus livros, enquanto fatores que tornarão clara a ação. Querendo mostrar em suas cartas que a maneira pela qual sua mãe o tratava quando criança, e que a revelação não somente das dívidas dele, Balzac, mas também de uma família endividada, poderiam fazer fracassar o casamento, e levar Mme. Hanska a preferir um outro partido, ele deduz tudo como poderia fazê-lo em *Le Curé de Tours*

(p. 381): “Então²⁶⁹ aprendes que a posição de escultor tem chances...” até “tudo vai por água abaixo pelas ninharias”. Contudo, isto será “a procura do absoluto” em sua disposição para reencontrar na Sicília as minas dos Romanos²⁷⁰. E o mobiliário do primo Pons ou de Claës não é descrito com maior amor, realidade e ilusão do que aquele com que descreve sua galeria da rua Fortunée ou a da Wierzchownia: “Recebi²⁷¹ a talha da sala-de-jantar que Bernard Palissy fez para Henrique II ou para Carlos IX; é uma de suas primeiras peças e uma das mais curiosas, peça acima de qualquer preço, pois tem quarenta ou cinquenta centímetros de diâmetro e setenta de altura etc. etc. A²⁷² casinha da rua Fortunée irá receber belos quadros, uma cabeça encantadora de Greuze, que vem da galeria do último rei da Polônia, dois Canaletto que antes pertenciam ao papa Clemente XIII, dois Van Huysum, um Van Dyck, três telas de Rotari, o Greuze da Itália, uma *Judith* de Cranach que é uma maravilha etc. Estes quadros são *di primo cartello* e não destoariam nas mais belas galerias” (p. 349). “Que²⁷³ diferença do Holbein da minha galeria, fresco e límpido depois de trezentos anos!” (p. 389). “O *São Pedro*²⁷⁴ de Holbein foi considerado sublime; numa venda pública, poderia atingir três mil francos.”²⁷⁵ Em Roma comprou “um Sébastien del Piombo²⁷⁶, um Bronzino e um Mirevelt de extrema beleza” (p.236). Tem vasos de Sèvres “que devem ter sido ofertados a Latreille²⁷⁷, pois não se poderia fazer semelhante trabalho senão por uma celebridade muito grande da entomologia. É um verdadeiro achado, uma oportunidade que nunca tive”. [Ele fala] de seu “lustre²⁷⁸ que vem do mobiliário de algum imperador da Alemanha, pois traz acima uma água com duas cabeças”, de seu retrato da rainha Maria “que²⁷⁹ não é de Coypel, mas feito em seu ateliê por um discípulo, fosse Lancret fosse um outro; é necessário ser conhecedor para não acreditar que é um Coypel”. “Um Natoire²⁸⁰ encantador, assinado e bem autêntico, um pouco delicado, contudo, no meio das sólidas pinturas que estão no meu gabinete.”. “Um²⁸¹ delicioso esboço do nascimento de Luís XIV, uma *Adoração dos pastores*, em que os pastores aparecem [penteados] à moda do tempo e representam Luís XIII e seus ministros.” Seu *Cavaleiro de Malta*, “uma²⁸² daquelas luminosas obras-primas que são, como o solista de violino, o sol de uma galeria. Tudo aí é harmonioso como num original bem conservado de Ticiano;

o que excita mais a admiração é a vestimenta que, segundo expressão dos especialistas, *domina um homem*... Sébastien del Piombo seria incapaz de ter feito aquilo. Trata-se, em todo caso, de uma das mais belas obras da Renascença italiana, é a escola de Rafael com progresso na cor. Mas já que não viste meu retrato da mulher de Greuze não poderás, estejas certo, saber aquilo que é a escola francesa. Num certo sentido, Rubens, Rembrandt, Rafael, Ticiano não são mais fortes. No seu gênero, é tão belo quanto o *Cavaleiro de Malta*. Uma *Aurora* de Guide a seu modo forte, quando ele era todo Caravaggio. Isto lembra Canaletto, mas é mais grandioso. Enfim, pelo menos* para mim, é incomparável". "Minha²⁸³ baixela Watteau, o bule de leite que é magnífico e as duas vasilhas de chá", "o²⁸⁴ mais belo Greuze que já vi, feito por Greuze para Mme. Geoffrin, dois Watteau feitos por Watteau para Mme. Geoffrin: esses três quadros valem oitenta mil francos. Há também dois Leslie admiráveis: Jacques II e sua primeira mulher; um Van Dyck, um Cranach, um Mignard, um Rigaud sublime, três Canaletto comprados pelo rei, um Van Dyck comprado de Van Dyck pelo trisavô de Mme. Hanska, um Rembrandt; que quadros! A condessa²⁸⁵ quer que os três Canaletto estejam na minha galeria. Há dois Van Huysum que, cobertos de diamantes, não seriam pagos. Que tesouros nas mansões polonesas!" (p. 420).

Essa realidade um tanto arrogante, muito quimérica para a vida, muito vulgar para a literatura, faz com que apreciemos sempre em sua literatura os prazeres apenas diferentes daqueles que a vida nos dá. Não é pura ilusão quando Balzac, querendo citar grandes médicos, grandes artistas, citará uma miscelânea de nomes reais e de personagens de seus livros, dizendo: "Ele tinha o gênio dos Claude Bernard, dos Bichat, dos Desplein, dos Bianchon", como os pintores de panorama, que misturam nos primeiros planos de suas obras, figuras em relevo real, e a ilusão de realidade do cenário.

Ainda que sempre suas personagens sejam reais, não [se-
rão]²⁸⁶ *mais que reais*.

* Ele dizia sempre "pelo menos para mim". Falando do *Cousin Pons*: "É, pelo menos para mim, uma daquelas belas obras". Foi sua mãe quem lhe deve ter dito: "Diga pelo menos para mim quando tiveres que falar dessas coisas". (N. do A.)

Logo continuaremos a sentir e quase a satisfazer, lendo Balzac, as paixões das quais a grande literatura nos deve curar. Uma noite no grande mundo descrito em []²⁸⁷ ali é dominada pelo pensamento do escritor, nosso mundanismo ali é purgado como diria Aristóteles; em Balzac, temos quase uma satisfação mundana de a isto assistir.*

O estilo é de tal forma a marca da transformação a que o pensamento do escritor submete a realidade que, em Balzac, não há como falar propriamente em estilo. Sainte-Beuve enganou-se completamente quanto a isto: "Este estilo... como os membros de um escravo antigo".²⁸⁹ Nada é mais falso. No estilo de Flaubert, por exemplo, todas as partes da realidade são convertidas numa mesma substância, nas vastas superfícies, de um brilho monótono. Não fica nenhuma impureza. As superfícies tornam-se refletoras. Todas as coisas ali aplanam-se, mas por reflexo, sem alterar a substância homogênea. Tudo que era diferente foi convertido e absorvido. Em Balzac, pelo contrário, coexistem, não digeridos, ainda não transformados, todos os elementos de um estilo por vir, que não existe. Esse estilo não sugere, não reflete: ele explica. Explica com a ajuda das imagens as mais intensas, mas não fundidas com o resto, que permitem compreender aquilo que ele quer dizer, da mes-

* Os títulos²⁸⁸ mesmos trazem esta marca positiva. Enquanto sempre para os escritores o título é mais ou menos um símbolo, uma imagem que ele precisa considerar num sentido mais genérico, mais poético do que a leitura do livro lhe daria, com Balzac é bem o contrário. A leitura deste admirável livro que se chama *Les Illusions perdues* restringe e materializa este belo título, "Ilusões perdidas". Significa que Lucien de Rubempré, chegando em Paris, dá-se conta de que Mme. de Bargeton era ridícula e provinciana, que os jornalistas eram velhacos, que a vida era difícil. Ilusões todas particulares, todas contingentes, cuja perda pode levar ao desespero e que dão uma poderosa marca de realidade ao livro, mas que restringem um pouco a poesia filosófica do título. Cada título deve assim ser tomado ao pé da letra: *Um grande homem da província em Paris; Esplendor e miséria das cortesãs; De como o amor retorna aos velhos* etc. Em *A procura do absoluto*, o absoluto é mais uma fórmula, uma coisa mais alquímica que filosófica. No mais, há pouco para se questionar. E o assunto do livro é bem mais as devastações que o egoísmo de uma paixão desdobrada numa família afetuada que dela padece, seja qual for o objeto de tal paixão: Balthazar Claës é o irmão dos Hulot, dos Grandet. Aquele que escreverá a vida da família de um neurastênico poderá fazer uma descrição do mesmo gênero. (N. do A.)

ma forma que é possível compreender na conversação, desde que se tenha uma conversação genial, mas sem se preocupar com a harmonia do todo e sem intervir. Se, em sua correspondência, ele dirá²⁹⁰: “Os bons casamentos²⁹¹ são como o creme: um nada pode alterá-los”, é por imagens deste gênero, ou seja, maravilhosas, precisas, mas que destoam, que explicam em vez de sugerir, que não se subordinam a nenhuma finalidade de beleza e harmonia, que ele empregará: “O riso de M. de Bargeton, que era como granadas adormecidas que despertam etc. etc.”²⁹² “Sua tez ganhou a tonalidade vívida de uma porcelana na qual inseriu-se uma luz.” (*Duchesse de Langeais*²⁹³, p.187.) “Seus olhos pareciam cobertos por uma névoa transparente: ouviste falar da madrepérola suja cujos reflexos azulados brilham à luz das velas.”²⁹⁴ “Enfim, para descrever este homem por um traço cujo valor fosse apreciado pelas pessoas habituadas a tratar de negócios, ele punha lentes azuis destinadas a...” (*Illusions perdues*, p.31, t. III.)²⁹⁵

Se ele se contenta em achar o traço que poderá nos fazer entender como é a personagem, sem procurar fundi-lo num conjunto belo, da mesma forma fornece exemplos precisos em vez de revelar aquilo que eles poderiam conter. Assim descreve o estado de espírito de Mme. de Bargeton: “Ela imaginava o paxá de Janina; desejaria lutar com ele no serralho e achava que havia alguma coisa de grande em ser costurado num saco e jogado à água. Invejava lady Esther Stanhope, essa literata pedante do deserto”²⁹⁸. Assim, em vez de se contentar com inspirar o sentimento que quer que experimentemos numa coisa, ele a qualifica imediatamente: “Ele tinha uma expressão horrível. Assumiu então um olhar sublime”. Falar-nos-á das qualidades de Mme. de Bargeton que se tornam “um exagero ao se prenderem às ninharias da província”²⁹⁹. E acrescenta

* E²⁹⁶, de fato, há na beleza da imagem uma idéia tão irrisória que Mme. de Mortsaufr escreverá a Félix de Vandenesse: “Para empregar uma imagem que se grave no teu espírito poético, mesmo que o número seja de uma grandeza sem medidas, traçado em ouro, escrito a lápis, isto nunca passará de um número”²⁹⁷. (N. do A.)

como a condessa d’Escarbagnas³⁰⁰ (p.48)... E “certamente um pôr-do-sol é um grande poema etc.”³⁰¹*

Por não conceber a frase como feita de uma substância especial, onde ela deve inserir-se, e onde não mais deve ser reconhecido tudo aquilo que é o objeto da conversação, do saber etc., ele acrescenta a cada palavra a noção que ele tem da mesma, a reflexão que ela lhe inspirou. Se fala de um artista, imediatamente fala o que sabe dele, por simples aposição. Falando da tipografia Séchard, diz que era preciso adaptar o papel às necessidades da civilização francesa que ameaçava estender a discussão a tudo e repousar numa perpétua manifestação do pensamento individual — uma infelicidade, pois o povo que delibera age muito pouco etc. etc. E ele coloca assim em todas essas reflexões, que por conta daquela vulgaridade da natureza são sempre medíocres e que ganham uma espécie de ingenuidade com a qual se [apresentam]³⁰⁴ no meio de uma frase, algo um tanto cômico. Tanto mais em expressões como “apto a” etc., cujo uso vem precisamente da necessidade de definir no meio de uma frase e de dar uma informação, atribuindo-lhe algo de mais solene. Por exemplo, em *Le Colonel Chabert* questiona várias vezes “a coragem natural dos procuradores judiciais e a desconfiança natural dos mesmos”. E quando tem uma explicação a dar, Balzac não faz cerimônias, escreve: “Eis por quê”; segue um capítulo. Igualmente apresenta resumos onde afirma tudo aquilo que devemos saber, sem dar o modo, o lugar: “Desde o segundo mês de seu casamento, David passava a maior parte de seu tempo” etc.³⁰⁵ “Três meses após sua chegada a Angoulême” etc. “A religiosa deu ao *Magnificat* ricas e graciosas seqüências, cujos diferentes ritmos acusavam uma alegria humana. Seus motivos tinham o brilho dos trinados de uma cantora etc. Seus cantos saltitavam como o pássaro”³⁰⁶ etc. etc.

Mas justamente tudo isto agrada àqueles que admiram Balzac; dizem sorrindo: “O nome ignóbil de Amélia”, “bíblica, re-

* Mesmo³⁰² em *Le Lys dans la vallée*, “uma das pedras mais trabalhadas de seu edifício”, conforme ele próprio diz, e sabe-se que ele pedia aos impressores até sete ou oito provas, ele é tão rápido para dizer o fato que a frase arranja-se como pode. Ele lhe deu a informação que deve instruir o leitor, e ela devia desempenhar-se como podia: “Apesar do calor, desci para a campina, a fim de ir rever Indre e suas ilhas, o vale e suas colinas, das quais eu parecia um admirador apaixonado”³⁰³ (N. do A.).

petiu Fifine deslumbrada”,³⁰⁷ “a princesa de Cadignan era uma das mulheres mais exigentes na *toilette*”,³⁰⁸ Amar Balzac! Sainte-Beuve, que tanto gostava de definir aquilo que era amar alguém³⁰⁹, teria tido ali um belo trabalho a fazer. Pois que os outros romancistas, nós os amamos ao nos submetermos a eles, recebemos de um Tolstói a verdade como de alguém maior e mais puro que nós. Já em Balzac, por conhecermos todas as suas vulgaridades, no início elas nos desagradam; depois começamos a amá-lo, a sorrir para todas aquelas ingenuidades que ali caem tão bem; nós o amamos com um pouquinho de ironia que se mistura com a ternura; conhecemos seus defeitos, suas mesquinhas, e as amamos porque elas o caracterizam de forma acentuada.

Balzac, tendo mantido em certos pontos um estilo não organizado, poderia nos levar a acreditar que não procurou objetivar a linguagem de suas personagens, ou, quando a faz objetiva, que não pode deixar de observar a todo instante aquilo que ele tinha de particular. Ora, ocorre totalmente o inverso. Este homem que expõe ingenuamente uma visão histórica, artística etc., oculta os mais profundos desejos, e deixa falar espontaneamente a verdade descritiva da linguagem de suas personagens, tão sutilmente que ela pode passar despercebida, e ele não procura em nada assinalá-la. Quando faz falar a bela Mme. [Roguin] que, parisiense de espírito, para Tours é a mulher do prefeito da província, todos os gracejos que ela faz sobre a intimidade dos [Rogron] são antes *dela* e não de Balzac!³¹⁰

Quando a duquesa de Langeais conversa com Montriveau, ela tem aquelas “... Verdade!”,³¹¹ e Montriveau, as banalidades do soldado: [“ ”]³¹². O canto de Vautrin, os gracejos dos clérigos: trá lá lá trá trá! (p. 11, *Chabert*)³¹³ a nulidade da conversação do duque de Grandlieu, e do bispo de Pamiers: “— O conde de Montriveau morreu — diz o bispo —, era um homem gordo que tinha uma incrível paixão por ostras. — Mas quantas ele comia? — diz o duque de Grandlieu. — Todos os dias dez dúzias. — Sem passar mal? — De modo nenhum. — Oh! mas é fantástico! Essa gula não lhe gerou uma pedra? — Não, ia tudo muito bem, morreu por acidente. — Por acidente! A natureza tinha lhe dito para comer ostras, provavelmente elas lhe seriam necessárias”.³¹⁴ Lucien de Rubempré, mesmo em seus apartes, tem justamente aquela alegria vulgar, o mofo

da juventude inculta que deve agradar Vautrin: “Vamos, pensa Lucien, ele conhece o jogo”. “Está bem seduzido”. “Que índole de árabe!” “Lucien diz a si mesmo: ‘Vou fazê-lo esperar’”.³¹⁵ “É um atrevido que não é mais padre do que eu.” De fato, Vautrin não era o único a amar Lucien de Rubempré. Oscar Wilde, a quem a vida, infelizmente, deveria ensinar mais tarde que há dores mais pungentes do que aquelas que nos apresentam os livros, dizia na sua primeira fase (a fase em que dizia: “Só depois da escola dos laquistas é que apareceram brumas sobre o Tâmis”): “O maior desgosto da minha vida? A morte de Lucien de Rubempré em *Splendeurs et misères des courtisanes*”.*

Nesta última cena daquela primeira parte da *Tétralogie* de Balzac (pois, em Balzac, raramente é o romance que é a unidade; o romance é constituído por um ciclo, onde um romance não passa de uma parte) cada palavra, cada gesto têm assim seus lados ocultos, que Balzac não avisa ao leitor e que são de uma admirável profundidade. Revelam uma psicologia tão especial e que, com exceção de Balzac, nunca foi feita por ninguém, que ele teve suficiente sutileza para indicá-los. Todavia, nem depois do jeito como Vautrin detém Lucien na estrada, a quem este não conhece e cujo físico poderia interessá-lo até pelos gestos involuntários através dos quais toma-o pelo braço etc., ele não traiu o sentido muito diferente e muito preciso das teorias de dominação, de alianças a dois na vida etc., por onde o falso cônego disfarça aos olhos de Lucien, e talvez aos seus próprios, um pensamento inconfessável. O parêntese a respeito do homem que tinha o costume de comer papel³¹⁷ não é também um traço de

* Há contudo³¹⁶, alguma coisa de particularmente dramático nesta predileção e neste enternecimento de Oscar Wilde, nos tempos de sua vida brilhante, pela morte de Lucien de Rubempré. Sem dúvida, ele se enternecia diante dela, como todos os leitores colocando-se do ponto de vista de Vautrin, que é o ponto de vista de Balzac. E, por esse ponto de vista, era um leitor particularmente escolhido e eleito para adotar esse ponto de vista mais integralmente que a maior parte dos leitores. Mas não se pode impedir de pensar que, anos mais tarde, ele deveria ser o próprio Lucien de Rubempré. O fim de Lucien de Rubempré na Conciergerie, vendo toda sua brilhante existência mundana desmoronar-se sob a prova de que ele vivia na intimidade de um condenado, não era senão a antecipação — desconhecida ainda para Wilde, é verdade — de que aquilo deveria acontecer precisamente a Wilde. (N. do A.)

caráter admirável de Vautrin e de todos os seus semelhantes, uma de suas teorias favoritas, o pouco que deixam escapar de seus segredos? Mas o mais belo, sem dúvida, é a maravilhosa passagem em que os dois viajantes caminham diante das ruínas do castelo de Rastignac. Chamo isso de *Tristesse d'Olympio* da Homossexualidade.³¹⁸ *Ele queria tudo rever, o lago perto da fonte.*³¹⁹ Sabe-se que Vautrin, na pensão Vauquer, em *Le Père Goriot*, desenvolveu para com Rastignac, e inutilmente, a mesma vontade de dominação que tenta agora com Lucien de Rubempré. Ele fracassou, mas Rastignac não teve aí menos implicada sua vida [...] ³²⁰ Mais tarde, quando Rastignac torna-se hostil para com Lucien de Rubempré, Vautrin, disfarçado, lembra-lhe certas coisas da pensão Vauquer e força-o a proteger Lucien; e mesmo após a morte de Lucien, Rastignac sempre chamará Vautrin para uma rua sombria. Citar a passagem.

Tais efeitos só são possíveis graças àquela admirável invenção de Balzac de ter mantido as mesmas personagens em todos os seus romances. Assim, um raio desprendido do fundo da obra, passando por toda uma vida, pode vir tocar³²¹ com sua luz melancólica e confusa aquele solar de fidalgo de Dordogne e aquela parada dos dois viajantes. Sainte-Beuve não compreendeu absolutamente nada deste fato de deixar o nome às personagens: “Aquela pretensão finalmente conduziu...” (*Portraits contemporains*, p. 377, nota.)³²²

É esta a idéia do gênio de Balzac que Sainte-Beuve desprezava. Sem dúvida, poder-se-á dizer, ele não a concebeu de repente. Esta parte de seus grandes ciclos somente se encontra reatada tarde demais. Que importa? *O encantamento da sexta-feira santa* é um fragmento que Wagner escreveu antes de pensar em fazer *Parsifal*, e que só depois introduz aí. Mas os acréscimos, as belezas adicionadas, as novas relações percebidas subitamente pelo gênio entre as partes separadas de sua obra que se reúnem, vivem e não podem mais se separar, não são elas suas mais belas intuições? A irmã de Balzac nos fala da alegria que ele experimentou no dia em que descobriu essa idéia, e eu a considero assim tão grande como se ele a houvesse tido antes de começar a obra. Foi um raio que apareceu, que veio colocar-se por igual sobre as diversas partes até então apagadas de sua criação, unindo-as, fazendo-as viver, iluminando-as, mas este raio não é menos um fruto de seu pensamento.

As outras críticas de Sainte-Beuve não são menos absurdas. Depois de ter censurado em Balzac as “delícias do estilo”, das quais infelizmente ele é desprovido, censurou a falta de gosto dele, o que no caso é bem real, mas, como exemplo, cita uma frase que depende de um daqueles trechos admiravelmente escritos, como há muitos em Balzac, onde o pensamento refundiu, unificou o estilo, onde a frase é feita. Aquelas senhoras “moravam todas na cidade, como se fossem vasos capilares de uma planta, aspirando, com a sede de uma folha pelo orvalho, as novidades, os segredos de cada lar, aspirando-os e transmitindo-os maquinalmente ao abade Troubert, como as folhas comunicam ao caule o frescor que elas absorvem”.³²³ E algumas páginas adiante, a frase incriminada por Sainte-Beuve: “Tal era a substância das frases lançadas pelos tubos capilares do grande conciliábulo das fêmeas, e complacentemente repetidas pela cidade de Tours”.³²⁴ Ousa dar como razão do sucesso o fato de ele ter lisonjeado os achaques das mulheres, daquelas que começam envelhecer (*La femme de trente ans*): “Meu severo amigo dizia: Henrique IV conquistou seu reino cidade por cidade; Balzac conquistou seu doentio público pelos achaques. Atualmente as mulheres de trinta anos, amanhã aquelas de cinquenta (mesmo aquelas de sessenta), depois de amanhã as cloróticas, em Claës as disformes etc”. E ousa acrescentar uma outra razão para o sucesso rápido de Balzac por toda a França: “É a sua habilidade para a escolha sucessiva dos lugares onde ele estabelece a seqüência de suas narrativas”. Mostrar-se-á ao viajante, numa das ruas de Saumur, a casa de Eugénie Grandet, em Douai provavelmente já se chame casa Claës. Com que doce orgulho deve sorrir, tão indulgente é Tourangeau, o dono da Grenadière! Essa lisonja endereçada a cada cidade em que o autor coloca suas personagens vale-lhe a conquista. Porque, falando de Musset que diz que ele ama os bombons e as rosas etc.:³²⁵ “Quando se amou tantas coisas...”, compreende-se. Mas parece fazer uma censura a Balzac pela própria insensidão de seu propósito, pela multiplicidade de suas descrições, a que chama de uma miscelânea assustadora: “Tirai...” (*Portraits contemporains*, p. 341). Ora, isto é justamente

* Eram estas coisas que ele gostava de dizer e disse isso também de Chateaubriand. (N. do A.)

a grandeza da obra de Balzac. Sainte-Beuve disse que ele se lançou no século XIX como em seus temas, que a sociedade é mulher, que ela queria seu retrato, que ele o fez, que nada tomou da tradição ao retratá-la, que renovou os procedimentos e os artifícios do pincel para uso daquela ambiciosa e galante sociedade que só tinha que se remeter a si própria, e não se parecer senão consigo mesma. Ora, Balzac não se propôs a esta simples pintura, pelo menos no mais simples sentido da pintura de retratos fiéis. Seus livros resultavam de belas idéias, das idéias de belos quadros, se assim se quer, pois ele concebia sempre uma arte na forma da outra, como também num belo efeito de pintura, numa grande idéia de pintura. Como ele via num efeito de pintura uma bela idéia, da mesma forma podia ver numa idéia de livro um belo efeito. Representava para si mesmo um quadro onde havia alguma originalidade surpreendente e que deslumbraria. Imaginemos hoje uma literatura cuja idéia viria de tratar vinte vezes, com luzes diversas, o mesmo tema, e que teria a sensação de fazer alguma coisa de profundo, de sutil, de poderoso, de esmagador, de original, de intenso, como as cinqüenta catedrais ou os quarenta nenúfares de Monet. Amador apaixonado pela pintura, ele sentia às vezes alegria ao pensar que também tinha uma bela idéia sobre um quadro, sobre um quadro que seria admirado. Mas sempre era uma idéia, uma idéia dominante e não uma pintura pré-concebida, como acreditava Sainte-Beuve. Sob esse ponto de vista, Flaubert mesmo tinha menos essa idéia pré-concebida que ele. Cor de *Salammbô*, *Bovary*. Início de um assunto que não lhe agradava, pega não importa o que para trabalhar. Mas todos os grandes escritores se unem em certos pontos, e são como os diferentes momentos, contraditórios às vezes, de um único homem de gênio que vivesse tanto quanto a humanidade. Flaubert identifica-se com Balzac quando diz: "Preciso de um fim esplêndido para Félicité".³²⁶

Esta realidade, segundo a vida dos romances de Balzac, faz com que eles atribuam por nós uma espécie de valor literário às mil coisas da vida que até então nos pareciam contingentes. Mas é justamente a lei destas contingências que é libertada em sua obra. Não falamos dos acontecimentos, das personagens balzaquianas. Nunca dizemos, nós dois,³²⁷ não é?, senão coisas que os outros não disseram. Mas, por exemplo, uma mulher

de vida mundana, que leu Balzac, e que, num país onde não é conhecida, experimenta um amor sincero que lhe é correspondido; ou mesmo, entendamos a coisa, um homem que tem um passado condenável ou uma péssima reputação política, por exemplo, e que, num país onde não é conhecido, estabelece ternas amizades, vê-se cercado de relações agradáveis e pensa de imediato que, quando aquelas pessoas forem perguntar quem ele é, irão talvez abandoná-lo, procura então meios para afastar a tempestade. Nos caminhos daquela vilegiatura que logo deixará, e onde logo talvez deploráveis informações sobre ele vão chegar, ele passeia solitário, com uma melancolia inquieta, mas que tem seus encantos, porque leu *Les Secrets de la princesse de Cadignan*, e sabe que participa de uma situação de certa forma literária e que ganha alguma beleza por isso. A sua inquietude, enquanto a carruagem, ao longo das rotas do outono, o conduz aos amigos ainda confiantes, mistura-se um encanto que não teria a tristeza do amor, se a poesia não existisse. Com mais forte razão, se esses crimes que o condenam são imaginários, mostra-se impaciente pela hora em que seus fiéis d'Arthez³²⁸ receberão o batismo da lama, de Rastignac e de Marsay. A verdade de algum modo contingente e individual das situações, que faz com que se possa colocar nomes próprios em tantas situações, como, por exemplo, aquela de Rastignac desposando a filha de sua amante Delphine de Nucingen, ou³²⁹ de Lucien de Rubempré desistindo na véspera de desposar Mlle. de Grandlieu, ou de Vautrin herdando de Lucien de Rubempré, a mesma fortuna que ajudou a fazer, como a fortuna dos [Lanty]³³⁰ fundada no amor do cardeal por um castrado, o velho a quem todos prestam homenagem [...] é surpreendente. É tão profundo quanto Paquita Valdès amando precisamente o homem que parece com a mulher com quem ela vive,³³¹ como Vautrin sustentando a mulher que pode ver todos os dias seu Sallenuve, seu filho; como Sallenuve casando-se. [...] ³³². Ali, sob a ação aparente e exterior do drama, circulam misteriosas leis da carne e do sentimento.³³³

A única coisa que assusta um pouco nessa interpretação de sua obra é que justamente dessas coisas ele nunca falou. Em sua correspondência, onde diz de livros menores coisas sublimes, fala com grande desdém de *La Fille aux yeux d'or*, e nem uma só palavra sobre o fim de *Les Illusions perdues*, sobre a admi-

rável cena a que me referi. O caráter de Eva,³³⁴ que nos parece insignificante, parece-lhe, dir-se-ia, mais um achado. Mas tudo isso pode estar por acaso nas cartas que temos, e mesmo naquelas que ele escrevia.

Sainte-Beuve, com Balzac, faz como sempre. Em vez de falar da mulher de trinta anos de Balzac, fala da mulher de trinta anos exterior a Balzac (citar o trecho sobre “o Baile das mães”³³⁵), e depois de algumas palavras sobre Balthazar Claës (de *La Recherche de l'absolu*) ele fala de um Claës da vida real que precisamente deixou uma obra sobre sua própria “procura do absoluto”, e fornece longas citações desse opúsculo, naturalmente sem valor literário. Do alto de sua falsa e perniciosa idéia de diletantismo literário, ele julga em vão a severidade de Balzac com relação a Steinbock de *La Cousine Bette*, simples amador que não realiza, que não produz, que não compreende que é necessário entregar-se totalmente à arte para ser um artista. Sainte-Beuve, neste ponto, eleva-se com uma dignidade magoada contra as expressões de Balzac que dizem: “Homero... vivia em concubinato com a Musa”.³³⁶ A palavra não poderia talvez ser mais feliz. A verdade, porém, é que não se pode ter uma interpretação das obras-primas do passado a não ser considerando-as do ponto de vista de quem as escreveu, e não externamente, a uma distância respeitosa, com uma deferência acadêmica. Que as condições exteriores da produção literária tenham mudado no curso do último século, que a profissão do homem de letras tenha se tornado coisa mais absorvente e exclusiva, é possível. Mas as leis interiores, mentais, dessa produção não mudaram.³³⁷ Considerar escritor alguém que tenha momentos de gênio *para* poder levar o resto do tempo uma vida agradável de diletantismo mundano e letrado, é uma concepção tão falsa e ingênua como aquela de um santo que levasse a vida moral mais elevada para poder ter no paraíso uma vida de prazeres vulgares. Estamos mais perto de compreender os grandes homens da antigüidade compreendendo-os como Balzac e não como Sainte-Beuve. O diletantismo nunca criou nada. O próprio Horácio estava certamente mais próximo de Balzac que de Daru ou de Molé.

Balzac naturalmente, como os outros romancistas, e mais que eles, teve um público de leitores que não procuravam em seus romances uma obra literária, mas um simples interesse de imaginação e de observação. A estes, os defeitos de seu esti-

lo não os detinham, mas antes suas qualidades e sua busca. Na pequena biblioteca do segundo andar, para onde, no domingo, M. de Guermantes corre a se refugiar ao primeiro toque de campainha das visitas de sua mulher, e onde lhe trazem xarope e biscoitos na hora do lanche, ele tem todo Balzac, numa encadernação de vitela toda dourada, com etiqueta de couro verde, da casa de Mme. Béchet ou Werdet.³³⁸ editores a quem ele escreveu para anunciar o esforço sobre-humano que vai fazer para lhes enviar cinco folhas em lugar de três, de uma obra da maior ressonância, e pela qual pede em troca um acréscimo no preço. Sempre que eu ia visitar Mme. de Guermantes, quando ela sentia que os visitantes entediavam-me, dizia-me: “Queres subir para ver Henri? Mandou dizer que não estava, mas a ti, ficará encantado em te ver” (dilacerando assim de um golpe as mil precauções que M. de Guermantes tomava, para que acreditassem que não estava em casa, e que não achassem descortês o fato de ele não se mostrar). “Basta apenas subir à biblioteca do segundo andar, hás de encontrá-lo lendo Balzac”. “Ah! se colocares meu marido a ler Balzac!”, ela sempre dizia, com ar de medo e de congratulação, como se Balzac fosse assim um contratempo que impedia que se saísse na hora certa e fizesse com que se faltasse ao passeio, e também uma espécie de favor particular a M. de Guermantes, uma vez que ele não concordava com todos, e quanto a isto eu devia sentir-me bem feliz por ser premiado.*

A bem da verdade, eu estava entre os privilegiados, uma vez que bastava ir lá para ele consentir³⁴¹ em mostrar o estereoscópio³⁴². Esse estereoscópio continha fotografias da Austrália, que eu não sabia quem trouxera para M. de Guermantes,

* Mme. de Guermantes³³⁹ explicava às pessoas que não sabiam: “É que meu marido, bem sabes, quando se coloca sobre Balzac, é como sobre o estereoscópio; ele te dirá de onde vem cada fotografia, o país que ela representa; não sei como ele pode se lembrar de tudo isso; portanto, é bem diferente de Balzac; não sei como pode tratar de coisas assim tão diferentes ao mesmo tempo”. Uma parenta desagradável, a baronesa des Tapes³⁴⁰, ganhava sempre naquele momento uma expressão glacial, o ar de não entender, de estar ausente, e no entanto censurava — porque ela achava que Pauline tornava-se ridícula e faltava-lhe sensibilidade ao dizer isso, M. de Guermantes “tratando ao mesmo tempo”, com efeito, muitas aventuras que seriam talvez fatigantes e que deveriam mais chamar a atenção da mulher dele do que a leitura de Balzac ou o manejo do estereoscópio. (N. do A.)

mas que era como se ele mesmo as tivesse tirado diante das paisagens que teria sido o primeiro a explorar, a analisar e a colonizar, pois o fato de “mostrar o estereoscópio” não era uma comunicação menos preciosa, menos direta e menos difícil de se obter da ciência de M. de Guermantes. Certamente, se na casa de Victor Hugo um conviva desejasse, depois do jantar, que ele fizesse uma leitura de um drama inédito, não conheceria uma timidez maior diante do peso de seu pedido que o audacioso que perguntasse na casa dos Guermantes se, após o jantar, o conde não poderia mostrar o estereoscópio. Mme. de Guermantes erguia os braços para o ar como quem diz: “Estás a pedir demais!” E certos dias especiais, quando se queria honrar particularmente um convidado ou reconhecer aqueles favores que não são esquecidos, a condessa cochichava com ar intimidado, confidencial e maravilhada, como se não ousasse encorajar grandes esperanças sem estar absolutamente segura; embora se percebesse bem que, mesmo para dizê-lo dubitativamente, era preciso que ela se mostrasse segura: “Acredito que depois do jantar M. de Guermantes mostrará o estereoscópio”. E se M. de Guermantes o mostrasse para mim, ela dizia: “Senhora, que queres, por este menino, bem sabes, não sei o que meu marido não faria”. E as pessoas presentes olhavam-me com inveja, enquanto uma certa prima pobre de Villeparisis, que adorava lisonjear os Guermantes, dizia numa linguagem rebuscada e picante: “Mas o senhor não é o único, lembra-me bem que meu primo mostrou o estereoscópio para mim já faz dois anos, não te lembras? Oh! eu não me esqueço dessas coisas, e disso sinto muito orgulho!” Mas à prima não era permitido subir ao segundo andar³⁴³.

O pequeno compartimento era fresco, as portas estavam sempre fechadas e a janela também, se fizesse muito calor lá fora. Se chovesse, a janela ficava aberta; ouvia-se a chuva escorrer pelas árvores, mas mesmo que cessasse, o conde não abria as portas, de medo que pudessem perceber lá de baixo e saber que ele ali se encontrava. Se eu me aproximasse da janela, ele me retirava precipitadamente: “Toma cuidado para que não te vejam, saberiam então que estou aqui”, não se dando conta de que sua mulher dissera diante de todo mundo: “Sobe, pois, ao segundo andar, para ver meu marido”. Não digo que o barulho da chuva que caía pela janela³⁴⁴ deslindasse para ele aque-

le perfume sutil, interminável e frio, do qual Chopin* extraiu até o fundo a substância frágil e preciosa em seu célebre trecho *La Pluie*, trecho que ilumina apenas aquele clarão baixo que significa que o tempo está gelado pelo resto do dia, e que agita e faz tremer somente o movimento aristocrático de uma mulher que veio chorar no quarto sem aquecimento, e que ajeita nos ombros a manta que para outra coisa não serve a não ser para tocar a frieza³⁴⁶ deles, sem ter a coragem, naquela anestesia de todas as coisas das quais ela participa, de levantar-se, de ir ao quarto ao lado dar uma palavra de reconciliação, de ação, de calor e de vida, e que deixa sua vontade enfraquecer-se e seu corpo congelar-se a cada segundo, como se cada lágrima que ela engolisse, cada segundo que passasse, cada gota de chuva que caísse, fosse uma das gotas de seu sangue que escapasse, deixando-a mais fraca, mais gelada, mais preciosa, mais sensível à doçura doentia do dia.

No entanto³⁴⁷ a chuva que cai sobre as árvores, onde as corolas e as folhas que permanecem fora parecem a certeza e a promessa indestrutível e florida do sol e do calor que logo retornarão, essa chuva quase que não passa do ruído de uma irrigação um pouco distante, a qual se observa sem tristeza. Mas fosse que isso entrasse assim pela janela aberta, ou fosse que, nas ardentes tardes ensolaradas, ouvisse-se ao longe uma música militar ou forasteira como um floreio estridente do calor poeirento, ele³⁴⁸ gostava certamente de ficar na biblioteca, desde o momento em que, chegando e fechando as portas, enxotava o sol estendido no canapé e no velho mapa real de Anjou pendurado lá em cima, como se lhe dissesse: “Sai daqui que aqui me ponho”, até o momento em que se decidia pelos negócios e pedia ao cocheiro para atrelar.³⁴⁹

* Chopin³⁴⁵, esse grande artista enfermo, sensível, egoísta e dândi, que dobrava num instante, docemente na sua música, os aspectos sucessivos e contrastantes de uma disposição íntima que muda sem cessar, e que não é mais do que durante um momento docemente progressiva sem que se venha detê-la, chocando-se a ela e ali justapondo-se, de modo um tanto diferente, mas sempre com um íntimo acento doentio e voltado para o eu-mesmo em seus frenesim de ação, sempre com a sensibilidade, nunca com o coração, sempre furiosos impulsos, nunca a contenção, a doçura, a fusão com qualquer outra coisa senão ele mesmo, senão Schumann. (N. do A.)

Algumas vezes o marquês vinha ver seu irmão; ocasião em que “se colocavam” voluntariamente sobre Balzac, pois tratava-se de uma leitura do tempo deles, tinham lido esses livros na biblioteca do pai, precisamente a que era agora do conde que a herdara. O gosto deles por Balzac tinha guardado, na sua ingenuidade primeira, as preferências dos leitores de então, antes que Balzac se [tornasse]³⁵⁰ um grande escritor, e se submetesse como tal às variações do gosto literário. Quando alguém mencionava Balzac, o conde, se a pessoa fosse *persona grata*, citava alguns títulos, e não eram aqueles dos romances de Balzac que mais admirávamos. Dizia: “Ah! Balzac! Balzac! Precisaria tempo! *Le Bal de Sceaux*, por exemplo! Já leram *Le Bal de Sceaux*? É encantador!” É verdade que dizia a mesma coisa sobre *Lys dans la vallée*: “Madame de Mortsauf! Não leste tudo isso, e vós outros, hein! Charles (interpelando o irmão), Madame de Mortsauf, *Le Lys dans la vallée* é encantador!” Falava também do *Contrat de mariage*, que denominava pelo primeiro título *La Fleur des pois* e também de *La Maison du Chat-qui-pelote*. Nos dias em que se colocava totalmente sobre Balzac, citava também obras que, a bem da verdade, não eram de Balzac, mas de Roger de Beauvoir e de Céleste de Chabrilan. Mas é preciso dizer a seu favor que a pequena biblioteca para onde subiam o xarope e os biscoitos³⁵¹, mostrava-se ao mesmo tempo provida de obras de Balzac, de Alphonse Karr, de Céleste de Chabrilan, de Roger de Beauvoir e de Alexandre Duval, todos na mesma encadernação. Quando eram abertos, e o mesmo papel fino coberto de grandes letras te apresentava o nome da heroína, absolutamente como se fosse ela mesma que se fizesse apresentar a ti sob aquela aparência portátil e confortável, acompanhada de um leve odor de cola, de poeira e de velhice, que era como a emanção de seu encanto, era bem difícil estabelecer entre aqueles livros uma divisão de pretensões literárias que se fundamentasse artificialmente em idéias estranhas tanto ao assunto dos romances quanto à aparência dos volumes. E Blanche de Mortsauf e []³⁵² aplicavam-se em te dedicar letras de uma limpeza tão persuasiva (o único esforço que devias fazer para segui-las era virar aquele papel que a velhice tinha tornado transparente e dourado, mas que guardava a maciez de uma musselina) que era impossível acreditar³⁵³ que o narrador não fosse o mesmo e que não houvesse um parentesco muito mais estreito

entre *Eugénie Grandet* e *La Duchesse de Mers* que entre *Eugénie Grandet* e um romance de Balzac.

Contudo, se M. de Guermantes achava “encantadoras”, isto é, na realidade, recreativas e sem veracidade, “uma inovação na vida”, as histórias de René Longueville ou de Félix de Vandenesse, apreciava sempre por contraste em Balzac a exatidão da observação: “A vida dos procuradores da justiça, um estudo, tudo está ali; tive negócios com essa gente; está tudo ali. *César Birotteau* e *Les Employés*!”

Uma pessoa que não compartilhava de sua opinião, e que te cito também porque se trata de outro tipo de leitores de Balzac, era a marquesa de Villeparisis³⁵⁴. Ela negava a exatidão das descrições dele: “Este senhor nos diz: ‘Eu vos vou fazer falar um procurador da justiça’. Jamais um procurador da justiça falou assim”. Entretanto, o que ela não queria admitir era principalmente que ele tivesse pretendido retratar a sociedade: “Primeiro, ele não a frequentava, não seria recebido, então o que poderia saber? No fim, ele conheceu Mme. de Castries, mas não era aí que poderia ver alguma coisa, ela não era nada. Eu o vi uma vez na casa dela, quando era jovem e recém-casada, era um homem muito comum, que só disse coisas insignificantes, e eu não quis que me apresentassem a ele. Eu³⁵⁵ não sei como, no fim, achou meios de se casar com uma polonesa de uma família que era meio parenta dos nossos primos Czartoryski. Toda a família ficou desolada, e posso te assegurar que não ficam nada orgulhosos quando se fala disso. No mais, aquilo acabou muito mal. E ele morreu quase que imediatamente”. E abaixando os olhos com um ar rabujento sobre seu tricô: “Ouvi dizer coisas vis sobre isso. É sério quando dizes que ele pretendia ser da Academia? (como se diz que se é do Jockey). Primeiro que não tinha ‘bagagem’ para isso. Depois a Academia é uma seleção. Sainte-Beuve, sim, eis um homem encantador, fino, de bom relacionamento; mantinha-se sempre em seu lugar, não era fácil vê-lo. Era algo totalmente diferente de Balzac. E depois que foi a Champlâtreux³⁵⁶, ele, pelo menos, podia contar as coisas do mundo. Ele bem se resguardava porque era homem de bom relacionamento. No mais, esse Balzac, era péssima pessoa. Não há um bom sentimento nisso que escreve, não há boas índoles. É sempre desagradável de ler, só vê o lado mau de tudo. Sempre o mal. Mesmo que descreva um pobre padre, é preciso

que este seja infeliz, que todo o mundo esteja contra ele. — Minha tia, não podes negar — dizia o conde, diante da galeria entusiasmada por assistir a uma disputa tão interessante, acotovelando-se para se mostrar à marquesa ‘embalado’ — que o padre de Tours ao qual fazes referência não tenha sido bem descrito. Essa vida de província é demais! — Mas justamente — dizia a marquesa, este que era um dos raciocínios favoritos e o julgamento universal que ela aplicava a todas as produções literárias — o que poderia me interessar em ver reproduzidas aquelas coisas que conheci tão bem quanto ele? Dizem-me: isso é bem a vida da província. Certamente, mas eu a conheci, ali vivi, então, que interesse pode ter?” E tão orgulhosa do raciocínio, o qual tinha em alta conta, um sorriso de altivez vinha brilhar em seus olhos, que então ela volvia para as pessoas presentes; e para finalizar o tumulto, acrescentava: “Podereis achar-me bem tola, mas confesso que, quando leio um livro, tenho a fraqueza de pretender que ele me ensine alguma coisa”. Por dois meses teriam muito o que contar, até nas casas das primas mais afastadas da condessa, que aquele dia ali, na casa dos Guermantes, foi o que houve de mais interessante.

Pois para um escritor, quando ele lê um livro, a exatidão da observação social, a posição tomada com relação ao pessimismo ou ao otimismo, são condições dadas e que ele não discute, das quais sequer se dá conta. Mas para os leitores “inteligentes”, o fato de algo ser “falso” ou “triste” é como um defeito pessoal do escritor, que eles ficam admirados e mesmo encantados de recontrar, e um defeito mesmo ampliado em cada volume dele como se até ele não pudesse corrigir-se, e que acabam por atribuir-lhe o caráter antipático de uma pessoa sem julgamento ou que só traz idéias negras, sendo preferível não conhecer, se bem que cada vez que o livreiro lhes apresenta um Balzac ou um Eliot, respondem rejeitando-o: “Oh! não, é sempre falso ou sombrio, o último ainda mais que todos os outros, não quero mais”.

Quanto à condessa, quando o conde dizia: “Ah! Balzac! Balzac! Seria preciso tempo, não leste *La Duchesse de Mers*?”³⁵⁷, ela dizia: “Eu, eu não gosto de Balzac, acho que ele é exagerado”. De uma maneira geral ela não apreciava pessoas “que exageram” e que, por isso, pareciam uma censura para aqueles que como ela não exageravam, as pessoas que dão gorjetas “exa-

geradas”, fazendo com que os seus pareçam extremamente avarentos, as pessoas que tenham pela morte de um ente querido mais do que a tristeza habitual, as pessoas que, para um amigo em necessidade, fazem mais do que geralmente alguém faria, ou vão expressamente a uma exposição para ver um quadro que não seja o retrato de um de seus amigos ou coisa “para se ver”. Para ela, que não era exagerada, quando perguntavam se, na exposição, havia visto tal quadro, simplesmente respondia: “Se era para ver, eu vi”.³⁵⁸